

**Dossiê: Educação e tecnologias no contexto da pandemia pelo coronavírus e isolamento social: cenários, impactos e perspectivas**

---

**Educação em tempos de pandemia: consequências do enfrentamento e (re)aprendizagem do ato de ensinar**

*Education in pandemic times: consequences of coping and (re) learning from the act of teaching*

Rita de Cássia Souza Nascimento Ferraz  
Lúcia Gracia Ferreira  
Roselane Duarte Ferraz  
**Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB**  
Itapetinga-Bahia-Brasil

**Resumo**

O trabalho apresenta um diálogo sobre a educação em tempos de pandemia da COVID-19 e análise das possíveis consequências do enfrentamento do medo e (re)aprendizagem do ato de ensinar, a partir de narrativas de coordenadores pedagógicos. Os dados analisados originam-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória realizada com três coordenadores pedagógicos de uma rede municipal de ensino da Bahia. Destarte, as discussões partiram de dois pontos, consequências do enfrentamento do medo e reaprendizagem do ato de ensinar, tendo como ponto central o ensino remoto em posição paradoxal. Percebemos que este tempo de pandemia vem sendo difícil de lidar emocionalmente e com exigências de mudanças e adaptações para concretização da educação, principalmente para coordenadores pedagógicos que devem orientar docentes.

**Palavras-chave:** Pandemia COVID-19; Professor; Ensino.

**Abstract**

The work presents a dialogue about education in times of pandemic of COVID-19 and analysis of the possible consequences of facing fear and (re) learning of the act of teaching, from the narratives of pedagogical coordinators. The data analyzed comes from a qualitative and exploratory research carried out with three pedagogical coordinators from a municipal education network in Bahia. Thus, the discussions started from two points, consequences of facing fear and relearning the act of teaching, with remote teaching in a paradoxical position as the central point. We realize that this time of pandemic has been difficult to deal with emotionally and with demands for changes and adaptations to achieve education, especially for pedagogical coordinators who must guide teachers.

**Keywords:** Pandemic COVID-19; Teacher; Teaching.

## ***Educação em Tempos de Pandemia: consequências do enfrentamento e (re)aprendizagem do ato de ensinar***

### **Introdução**

A crise pandêmica provocada pelo novo coronavírus (SARS-COV-2) trouxe para o mundo o desafio de lidar com mudanças radicais, fomentando práticas e modos de vida alternativos aos que, comumente, conhecemos e estamos habituados a exercer. De repente, não é mais o consumismo que preenche as lacunas do nosso tempo, pois somos desafiados a gastar apenas o necessário, interagir com os familiares mais próximos, enxergar a nossa casa como um lar, um reduto de proteção.

Assistimos em noticiários e *lives* a defesa da narrativa de que precisamos organizar nossas vidas para um novo normal. Entretanto, é prudente esclarecer que a pandemia provocada pela COVID-19 traz uma complexidade que está além dos desafios apresentados anteriormente, pois se configura como um agravamento da situação de crise, desencadeada pelas imposições financeiras provocadas pelo neoliberalismo, que tem causado cortes significativos nas políticas sociais e trabalhistas, tais como desemprego, aumento do trabalho informal, redução de investimentos na educação e saúde (SANTOS, 2020).

Neste âmbito, não podemos ignorar as consequências que a pandemia da Covid-19 tem causado na educação mundial e, especialmente, na brasileira, visto a atual conjuntura em que nos encontramos, com cortes significativos na pasta do Ministério da Educação (MEC), a desvalorização dos profissionais do ensino e os diversos ataques às instituições de ensino e pesquisa.

O sistema educacional brasileiro, assim como nos demais países, seguindo as orientações técnicas de saúde restringiu o acesso às escolas, como medida de enfrentamento para redução do contágio pelo novo coronavírus. Isso porque não demorou para que a situação passasse de uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional ao patamar de uma pandemia.

Como enfrentamento houve uma mobilização governamental em estabelecer medidas de regularização das alternativas para concretização da educação em âmbito nacional, tais como a regulamentação do ano letivo, com a desobrigação do cumprimento dos 200 dias letivos<sup>1</sup> e autorização do ensino por meio de atividades remotas<sup>2</sup>, com o cômputo dessa carga horária nas 800 horas<sup>3</sup>.

Tendo essa configuração e considerando os desafios para a ressignificação do trabalho docente no cenário educacional é que questionamos quais as consequências dessas alternativas educacionais para a atuação pedagógica do docente? Desse modo, objetivamos, neste artigo, promover um diálogo sobre a educação em tempos de pandemia da COVID-19, analisando as possíveis consequências do enfrentamento do medo e (re)aprendizagem do ato de ensinar, a partir de narrativas de coordenadores pedagógicos. Os dados apresentados são oriundos de uma pesquisa qualitativa e de cunho exploratório realizada com três coordenadores pedagógicos de uma rede municipal de ensino da Bahia. Mediante o estabelecimento do distanciamento social, para a construção dos dados que utilizamos neste trabalho, foi construído, a partir de um questionário aberto, encaminhado via e-mail, com questões que versavam sobre as orientações propostas pelos coordenadores na organização do trabalho pedagógico docente, identificação das demandas relatadas pelos professores e as estratégias apresentadas pelos coordenadores para solucioná-las. Para a análise dos dados, optamos pela técnica da análise de conteúdo, a partir dos estudos de Bardin (2010). A categorização realizada, para este trabalho, buscou responder ao objetivo em questão identificando as possíveis consequências do enfrentamento do medo e o impacto na atuação docente. Desse modo, buscamos conhecer estes propósitos referentes à atuação docente, a partir das narrativas de coordenadores pedagógicos, que vem, atualmente, orientando professores, na recontextualização pedagógica, para atendimento do ensino não presencial.

### **Pandemia e Educação: mudanças e marcas**

A denominada pandemia do novo coronavírus, foi decretada dessa forma pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no dia 11 de março de 2020. Essa crise, considerada sem precedentes na história, iniciou em Wuhan, na China, como uma doença respiratória oriunda de um vírus, no caso, o SARS-CoV-2, ou seja, o novo coronavírus. A doença provocada por ele foi nomeada de COVID-19 (OPAS/OMS, 2020). Essa pandemia, *sui generis*, levou a OMS a recomendar o isolamento social como modo prudente de diminuir o contágio e a propagação do vírus.

Santos (2020), ao tratar da cruel pedagogia do vírus, aponta aspectos negativos pré-pandemia, mas que foram intensificados com a pandemia, sendo estas questões ligadas ao planeta, ao desenvolvimento e as relações instauradas. Ainda que aprendamos da pior

## ***Educação em Tempos de Pandemia: consequências do enfrentamento e (re)aprendizagem do ato de ensinar***

maneira com esse vírus, porque ele ensina matando e nos convida a refletirmos sobre que mundo queremos para nós e sobre as nossas escolhas.

Na educação, neste contexto de pandemia e isolamento social global, o Brasil, vem “acatando” as orientações com a suspensão das aulas, no âmbito público, abrangendo todos os níveis e modalidades. E, no âmbito privado, predomina uma mobilização em torno do ensino remoto. Algo que, também, tem ocorrido em algumas secretarias públicas de ensino (estadual e municipal), de determinadas regiões do país.

O panorama atual de crise orçamentária, que antecede a crise sanitária, já apontava para complicações na educação. Trata-se de uma das mais importantes áreas, que, contudo, sofre contínuos processos de desvalorização, marcada por políticas de congelamentos e contingenciamentos de investimentos. Pelo seu histórico de desafios, a educação brasileira encontra nos efeitos sociais da Covid-19, um trajeto complexo e delicado para a superação dessas dificuldades “tornando o status precário da educação ainda mais evidente” (AVELINO; MENDES, 2020, p. 57). Conforme os autores, a tendência é que a pandemia acentue a gravidade dos problemas já existentes na educação:

O Brasil tem enfrentado diversos problemas educacionais ao longo dos anos, apontados principalmente por baixos salários dos educadores, infraestruturas precárias das escolas, diversos tipos de violências, evasão e reprovação, desvios de repasses de verbas, amplo analfabetismo informal e resultados cada vez mais catastróficos nas avaliações internas e externas (IDEM, p. 56).

Além do agravamento dos problemas citados, o risco de contaminação pelo vírus dificulta o processo de socialização, tão necessário para a aprendizagem. Dessa maneira, a escola vem também se adaptando ao contexto pandêmico, no caso, com o funcionamento não presencial. Entendemos a necessidade de ser dessa forma, a excepcionalidade do momento, mas também que a escola não pode ser transportada para o mundo virtual (não presencial), como se isso fosse possível e deveríamos fazer. Pelas suas características e materialidades, a escola consolida elementos que lhe são intransponíveis. Além do mais, a cultura escolar tem comportamentos que são peculiares, portanto, jamais poderá ser transportado.

Segundo Linhares e Enumo (2020), a escola é uma espécie de segundo ecossistema essencial ao desenvolvimento humano e à aprendizagem. Nesse âmbito, é normal que a falta dela provoque impactos. Os autores ressaltam que:

Além das grandes perdas do processo de aprendizagem formal, as crianças estão sendo privadas da necessária socialização com os pares, em que ocorrem aprendizados significativos para o desenvolvimento humano, tais como: experiências lúdicas compartilhadas, que implica em interações proximais face a face; cooperação; convivência com as diferenças; compartilhamento de decisões; enfrentamento de desafios; negociação de conflitos; adiamento de gratificações; espera da sua vez; exercício controle de impulsos; entre outras habilidades (LINHARES; ENUMO, 2020, p. 5).

Com essa pandemia, visualizamos muitas perdas no contexto educacional, entre elas, de aprender nas relações presenciais, com a socialização, com o contato físico, com a manipulação coletiva de materiais, com a experimentação etc. Em concordância com os autores, Senhoras (2020) aponta que a paralisação total dos processos de aprender-ensinar presencialmente constitui uma quebra de rotina para quem já estava acostumado, provocando limitações.

O ensino remoto, a viabilidade possível para concretização da escolarização, está sendo permitido tanto na educação básica quanto superior. Essa educação remota, conforme Alves (2020, p. 352), são “práticas pedagógicas mediadas por plataformas digitais, como aplicativos com os conteúdos, tarefas, notificações e/ou plataformas síncronas e assíncronas como o *Teams (Microsoft)*, *Google Classroom*, *Google Meet*, *Zoom [...]*”. A autora refere-se a educação remota como sendo de caráter temporário, vigente agora devido a pandemia.

Além do mais, os familiares dos alunos, vem experimentando uma nova organização em casa (PRETTO; BONILLA; SENA; 2020), pois estes têm sido os principais mediadores entre as tarefas “de casa” e o ensino remoto. A consequência de tudo isso, é a inevitável mudança no cotidiano (familiar) e nos modos de concretizar o ensino. Assim, a necessidade de planejar as atividades das diversas ordens, passa a ser uma realidade, latente. Este ensino, mesmo em situações como esta (de crise pandêmica), pode se materializar, mas com limitações.

Mesmo após mais de oito meses de pandemia, ainda estamos aprendendo a lidar com as situações de isolamento, convivência, adaptações, mudanças (entre outros) que o vírus nos obrigou a fazer. Assim, entendemos que problemas surgiram e outros, já existentes, foram acentuados, como as desigualdades sociais, por exemplo. (SENHORAS, 2020). Essa visibilidade trouxe à tona, através da condição de pobreza e da própria

## ***Educação em Tempos de Pandemia: consequências do enfrentamento e (re)aprendizagem do ato de ensinar***

desigualdade social, situações/fatos que contribuíram para a constituição de uma nova configuração da educação. Isso possibilita-nos abrir, como efeitos dessa crise sanitária, dois pontos de discussão, sendo: 1) Consequências do enfrentamento do medo; e 2) (Re)aprendizagem do ato de ensinar.

### **Consequências do enfrentamento do medo**

Em relação ao primeiro ponto, destacamos como consequências da pandemia, a crise econômica, a qual promoveu um novo cenário escolar que impulsionou um elevado número de pais a optarem pelo cancelamento da matrícula de seus filhos, provocando o esvaziamento de salas inteiras, demissão de professores e auxiliares de classe. Para enfrentamento desta situação, escolas concederam descontos nas mensalidades, associado à manutenção das atividades escolares, por meio do ensino remoto, previsto na Portaria nº 343/2020.

Relativo a essa demanda de ensino, soma-se ainda o medo de sermos infectados e suas possíveis consequências; a dificuldade para concentração e produção intelectual; o fato de não apresentarmos uma competência e inteligência emocional, para essa condição, pois não fomos ensinados a construir e, além do mais não realizamos, muitas vezes, um investimento para tal. Dessa forma, a autorregulação emocional passa a ser outra exigência, quase que obrigatória que precisamos fazer uso nesse contexto. Assim, o gerenciamento das emoções torna-se necessário para que haja enfrentamento dessa situação causada pela COVID-19 e para o desenvolvimento da aprendizagem.

Especificamente, para esta discussão, daremos uma ênfase maior às consequências sobre o enfrentamento do medo e na (re)aprendizagem do ato de ensinar como fatores originários do ensino remoto. Além do enfrentamento do medo, o aumento da carga de trabalho do professor e consequente necessidade de (re)aprender a ensinar, favoreceram o aparecimento de situações de estresse e de ansiedade que passaram a compor o estado emocional do docente.

Uma situação conflitante para o professor ocorre entre o acesso ao serviço remoto e as reais condições de produção de um ensino que atinge os objetivos de aprendizagem estabelecidos. Sabemos que nem todos os professores têm acesso a um bom aparato tecnológico para corresponder à nova demanda de ensino. Isto porque muitos dividem seus computadores com os demais membros da casa ou nem sempre possuem um pacote de

dados suficiente para produção de videoaulas e material de ensino. Além disso, vivem sob o constante conflito de ter que mensurar a responsabilidade do fazer pedagógico em um novo ambiente físico: a casa do aluno. Segundo Kirchner (2020, p. 46):

A pandemia nos colocou frente ao desafio de pensar a escola, nos retirando a sala de aula, o ambiente que sempre foi o lugar de estabelecer os vínculos principais de mediações de conhecimento. A função docente desempenhada dentro desse lugar, onde professores, alunos e toda comunidade escolar se habituaram, já não é o espaço delimitado para essa função.

Sabemos que não é possível trazermos para dentro de casa, as vivências, as construções pedagógicas realizadas na escola, visto o papel de mediação que exerce os educadores, não poder ser substituído pelas tecnologias.

Esse conflito desencadeia também em outro problema: a invasão da privacidade na vida dos professores em função das demandas da educação. Situação que toma uma proporção mais complexa, pois priva o estado das suas responsabilidades, passando a ser dos professores e alunos a incumbência de assumir todo o processo de ensino e aprendizagem, bem como toda a infraestrutura para materializar um ambiente educacional. Isso sem contar o estresse na preparação e organização das aulas. Algo que, geralmente, duraria 50 a 60 minutos, tem se transformado em 04 ou 05 horas para a produção de uma única videoaula. Aliado a isso também vemos docentes apresentando dificuldades no uso das ferramentas e aplicativos tecnológicos para planejar as atividades remotas (muitos deles estão aprendendo agora a usar essas ferramentas).

Essas situações trazem como consequências para os professores, o medo, a sensação de insegurança e, particularmente, a precarização do seu trabalho. O ato colaborativo do processo de planejamento, do ensino e da aprendizagem cede lugar para o fazer individual, forjado e limitado pela intencionalidade de promover a formação do aluno, mais carente da experientiação, da interação com o outro para, de fato, perceber se essa aprendizagem está acontecendo. O impacto desse cenário incide não somente sobre os docentes que estão aprendendo a ensinar e orientar de forma remota, como também sobre os alunos que passaram a estudar em casa, pelo computador ou pelo celular e sobre os pais que estão acompanhando mais de perto os estudos de seus filhos. Foram delegadas muitas atribuições para o professor, aluno, família; sujeitos com suas dúvidas, incertezas e dificuldades.

## **Educação em Tempos de Pandemia: consequências do enfrentamento e (re)aprendizagem do ato de ensinar**

*Porque se bobear, a gente, também, deixa de lado as questões pessoais; questões da nossa própria vida. Porque o atendimento no grupo é diferente dos horários de funcionamento da escola. Que você vai estar ali. Você saiu da escola, está em casa, você se desvincula, pelo menos, fisicamente daquele ambiente. Nos grupos, não. Chega mensagem muito cedo, pela manhã. Às vezes chega a mensagem muito tarde da noite. A gente recebe de madrugada. Então, para a gente conseguir dar esse feedback para os meninos é muito complicado, porque são muitos. (Coordenador JX)*

Em suma, há, portanto, uma mudança do cenário social, da forma como as pessoas estão enxergando as coisas, a própria vida. Ainda neste ponto, somos particularmente e coletivamente afetados pela doença COVID-19 e, conseqüentemente seus efeitos na saúde mental perduram e influenciam no corpo físico, no desenvolvimento do trabalho profissional e doméstico o que nos faz questionar, muitas vezes, sobre a capacidade de sermos úteis:

*E as questões, as angústias, também, dos professores. As preocupações em saber se o trabalho que eles estão fazendo, realmente, estão chegando aos alunos, a quem está chegando, quem está ficando de fora. Então, se a gente não tiver esse equilíbrio emocional, fica difícil. (Coordenador JX)*

Somos atingidos, marcados e transformados pelo medo e por termos que enfrentá-lo frente a doença. Desse modo, outros problemas como ansiedade e estresse também se instalam piorando uma condição já existente. Cada um de nós tem reações diferentes frente ao cenário e, muitas vezes, entramos num processo de sofrimento psíquico por não conseguirmos alcançar o resultado esperado para o objetivo traçado. São mudanças emocionais, comportamentais e cognitivas que se instalam de uma vez só. Sobre isso, Weide et al. (2020), ao falarem sobre estratégias de enfrentamento para reduzir o estresse e a ansiedade, apontam desafios com relação ao medo.

- Tenho receio de procurar estabelecimentos de saúde devido ao medo de ser infectado enquanto sou atendido.
- Tenho medo de ser infectado e infectar outros, sobretudo quando o modo de transmissão da COVID-19 não está 100% claro.
- Sinto medo de reviver a experiência de uma epidemia ou doença anterior.
- Tenho sentimentos de desamparo, tédio, solidão e depressão devido ao isolamento.
- Sinto-me sobrecarregado(a) com os cuidados informais da família, que limitam o meu trabalho e as minhas oportunidades econômicas.
- Sinto-me vulnerável ao proteger quem amo.
- Tenho medo da deterioração da saúde mental e física de indivíduos vulneráveis (adultos mais velhos e pessoas com deficiência), se cuidadores estiverem de quarentena.

- Tenho medo de não dar conta de sustentar financeiramente minha família. (WEIDE et al. 2020, p. 6).

Não são situações fáceis de lidar. As incertezas sobre a imprevisibilidade de duração da pandemia, sua gravidade, desdobramentos e seus efeitos são fatores de risco para a saúde mental (SCHMIDT et al, 2020). O ambiente de medo e insegurança criado pode comprometer a saúde mental dos docentes. A atividade docente exige concentração, mas com o atual cenário, afeta mentalmente, podendo vir a apresentar “brancos” de memória, dificuldades para processar informações, problemas de concentração nas tarefas, excesso de pensamentos negativos devido a notícias desagradáveis, sentimentos confusos, dificuldade para tomar decisões. Esses fatores podem provocar situações de ansiedade e estresse e, conseqüentemente, apresentar sintomas outros.

O medo, diante do risco iminente de infecção, também é um fator estressante que gera o aumento de sentimentos de angústias nas pessoas. Aprender a lidar com esse estado emocional requer, por parte do indivíduo, uma capacidade para regular essas manifestações. Isso significa a necessidade do desenvolvimento de uma competência emocional que viabilize um processo de autorregulação dessas emoções e sentimentos, isto é, construir novas aprendizagens/domínios sobre nossas emoções. Um (re)aprender. (Re)aprendizagem essa, resultado de um processo constante do fortalecimento do estado emocional. Dessa forma, lidar com os fatores ansiolíticos e estressores como, por exemplo, o medo a ser vivenciado, limita a capacidade de desenvolvimento da atividade docente.

Outro aspecto recorrente do medo é o isolamento. Segundo Armstrong (2020, p. 78):

As pessoas sentiram-se mais solitárias, o que visivelmente tornou-as mais angustiadas e amedrontadas. Nos atendimentos médicos que continuo realizando, não deixam de surgir exemplos contundentes de como o isolamento vem afetando negativamente jovens, idosos, cardiopatas e as pessoas que com eles se importam.

São esses sintomas físicos, psíquicos/emocionais, cognitivos e comportamentais oriundos do contexto pandêmico que também tem exigido dos profissionais da educação uma sensibilidade maior na compreensão sobre o bem-estar e o quanto isso pode impactar o trabalho docente, principalmente pela necessidade da (re)aprendizagem do ato de ensinar.

### **(Re)aprendizagem do ato de ensinar**

## ***Educação em Tempos de Pandemia: consequências do enfrentamento e (re)aprendizagem do ato de ensinar***

Em relação ao segundo ponto, a (re)aprendizagem do ensinar, podemos considerar que a falta de uma proximidade vivencial com o mundo virtual e, conseqüentemente, no uso dos aparatos tecnológicos tem sido um dos aspectos que mais tem impactado o docente. Essa condição passou a exigir uma necessidade de adaptação a um novo modo de ensinar.

Essa nova forma de atuar resulta num processo de ressignificação da sua própria condição de docente, onde o medo e a dificuldade teórica no manuseio das ferramentas tecnológicas, sobrecarga de trabalho com atividades que, até então, não faziam parte da rotina pedagógica. No caso dos docentes, o fato de estarem trabalhando remotamente leva a uma mudança na organização do trabalho pedagógico.

Reaprender exige uma mudança comportamental e, nesse caso, podemos destacar três pontos básicos: o domínio das ferramentas/formas de atuação - relacionado à competência -, a interação virtual - formas de relacionamento estabelecidas - e o manejo pedagógico - fomentar a criação de ambiências em que capacidade de autonomia, interação, comunicação e colaboração sejam vivenciadas e potencializadas.

Neste novo cenário as formas de atuação do trabalho pedagógico dos profissionais da educação estabelecem íntima relação com o domínio das ferramentas tecnológicas, suas interfaces e dispositivos, o que implica entender como os sujeitos deste processo estão ressignificando seu ensino.

Na educação remota, as Tecnologias Digitais (TD), materializadas pelas plataformas síncronas e assíncronas, por aplicativos, atuam como mediadores das práticas pedagógicas (ALVES, 2020). Mas, de fato, os professores estão estabelecendo um diálogo significativo com essas tecnologias ao ponto de auxiliarem em suas práticas pedagógicas?

*A dificuldade em lidar com as tecnologias da comunicação e da informação por parte de alguns dos educadores, às vezes dificulta o planejamento e a execução das ações coletivas. [...]. A pouca habilidade nesta área torna o trabalho heterogêneo e mais individualizado (Coordenador RX)*

*[...] Muitos de nossos educadores ainda apresentam dificuldades em trabalhar remotamente, tanto com a coordenação quanto com seus alunos por não dominarem conhecimentos básicos das tecnologias utilizadas de maneira frequente durante esse período. (Coordenador RX)*

Os colaboradores deste estudo apontam que a ausência dos conhecimentos e habilidades básicas para o uso das tecnologias configura-se como um dos problemas

principais para a organização da ação pedagógica do docente. Entretanto, essa dificuldade representa apenas um dos elementos que deve ser considerado, pois a urgência em promover o ensino remoto emergencial tem exigido dos professores, coordenadores, gestores, familiares e alunos adaptações e estratégias de ensino e aprendizagem para garantir, minimamente, os estudos remotos, através das ferramentas tecnológicas e de comunicação.

*Enquanto coordenadora, eu também tento auxiliar no uso dessas ferramentas tecnológicas, dou sugestões de atividades, sugestões de aplicativos, alguns programas e, até mesmo, mostro como utilizá-los. [...] Vou orientando da melhor forma que posso para que os professores tenham alternativas metodológicas para poder planejar suas atividades propostas, que tenham opções, também, de atividades. (Coordenadora JX)*

O que temos observado é a prevalência de um processo de improvisação no desenvolvimento das práticas docentes no contexto escolar, quando tratamos das tecnologias digitais, da educação online e das suas interfaces, ficando a cargo do coordenador pedagógico assumir, nesse momento de urgência, a responsabilidade por promover essas discussões e orientações pedagógicas.

Além desse aspecto, as falas dos colaboradores da pesquisa vão retratar a ausência de integração das tecnologias digitais às práticas pedagógicas dos professores. Cotidianamente, a maioria dos docentes faz uso das tecnologias de informação e comunicação. Porém, são raras as situações de ensino e aprendizagem que são mediadas pelas TD. Assim, a pandemia e a adoção do ensino remoto, reposiciona o professor à condição de aprendiz. Mas, dentro de um contexto muito delicado, marcado por nossa vulnerabilidade e pelas urgências em responder às novas configurações de ensino, utilizando-se de ferramentas que irão demandar ressignificações das práticas docentes. Isso pode ser observado nas falas dos coordenadores pedagógicos ao retratar as dificuldades dos seus professores.

*Outra dificuldade diz respeito ao uso das ferramentas tecnológicas para planejar as atividades remotas. Alguns professores estão aprendendo agora a usar essas ferramentas. Estão se acostumando com elas. [...] Até mesmo para estudos, para a pesquisa, eles estão aprendendo agora; aprendendo com a necessidade. Isso é uma grande dificuldade, porque alguns deles não têm uma pessoa específica para fazer esse tipo de orientação. Fica tudo a cargo da*

## **Educação em Tempos de Pandemia: consequências do enfrentamento e (re)aprendizagem do ato de ensinar**

*escola para estar agilizando essa orientação para os professores. (Coordenador JX)*

*[...] o professor teve que aprender a utilizar determinados recursos tecnológicos. E alguns até agora não consegue, não domina. Alguns avançaram, procuraram outros meios para tá fazendo essas aulas, mas ainda muito... Estamos no processo de aprendizagem. (Coordenador SX)*

Essas falas nos fazem refletir sobre o quanto a formação continuada é essencial, reafirmando a instituição escolar como um dos lócus fundamentais no fortalecimento do processo de formação do professor. E, neste âmbito, ressaltamos a ideia de colaboração e de participação coletiva. Segundo Placco e Souza (2012, p. 27) “qualquer processo formativo e qualquer prática educativa só avançam se abordados da perspectiva do trabalho coletivo. Este pressupõe integração de todos os profissionais da escola, a não fragmentação de suas ações e práticas [...]”. Entretanto, pela urgência e emergência da situação, percebemos o quanto as ações colaborativas estão fragilizadas. Os relatos mostram que o processo de aprendizagem e domínio das TD, por vezes, se revela solitário, desafiador e complexo. Aprendendo e, ao mesmo tempo, ensinando, os professores vão traçando suas práticas por tentativas de ensaio e erro.

Os dados revelam, também, que as instituições de ensino se apresentam escassas nas suas condições para oferecer aos professores e alunos acesso e possibilidade de desenvolverem suas atividades pedagógicas, por meio dos recursos tecnológicos. Como afirmam Oliveira, Silva e Silva (2020, p. 28):

*Os professores foram “jogados vivos no virtual!”, para aprender a fazer em serviço, enfrentando os milhões de alunos – e também professores – excluídos digitalmente. O caminho é longo e há professores que ainda esperam a aula começar entre paredes, porque ainda não conseguiram situar-se na rede, limitados, também, pela questão da conectividade.*

É neste bojo de exclusões e ações que os professores estão tentando compreender as ferramentas e os canais de comunicação online para que possam estabelecer contato com seus alunos. Entretanto, apenas a compreensão e integração das TD ao ensino não será o suficiente, pois a educação online configura-se como “o conjunto de ações de ensino-aprendizagem desenvolvidas por meio de meios telemáticos [...]” (MORAN, 2003, p. 40). Considerando esse conceito, entendemos que todos os elementos essenciais e

estruturantes das relações ensino-aprendizagem precisam ser potencializados, tais como a interatividade entre os sujeitos, nos ambientes virtuais de aprendizagem.

Ainda, examinando esse conceito e analisando as falas dos colaboradores, observamos o quanto os professores, em meio às adversidades provocadas pela Covid-19 estão resignificando suas práticas para não permitirem que os alunos fiquem à margem dos conhecimentos, dos saberes educacionais. Algo que demanda dos profissionais da educação “repensar seus modos de atuação, compreender as TD para integrá-las ao ensino, utilizando-as de forma crítica, reflexiva e significativa” (OLIVEIRA; SILVA; SILVA, 2020, p. 31).

Quanto à interação virtual, os professores se encontram em um contexto no qual são levados a reformularem suas práticas comunicacionais e interativas, exigindo destes profissionais novas posturas quanto à comunicação junto aos alunos e aos responsáveis por seus estudantes. Neste processo, “espera-se, ainda, que seja moderador, nas relações interpessoais e intrapessoais e faça o seu papel de auto e hetero-avaliador, de conteúdos e desempenhos” (MOREIRA; HENRIQUES; BARROS, 2020, p. 354).

A educação em rede, pela sua natureza, é um processo que requer o envolvimento profundo dos diferentes atores que nela participam, quer na definição dos objetivos e percursos de aprendizagem da comunidade, quer também nas relações de proximidade construídas nas colaborações entre pares que sustentam os processos de inovação e criação do novo conhecimento (MOREIRA; HENRIQUES; BARROS, 2020, p. 355).

Essa perspectiva, também, tem desafiado os professores e profissionais da educação a sentirem a necessidade de resignificarem seus processos de comunicação. As interações estão, ainda, em um estágio instrucional, orientando na resolução dos conteúdos e dos próximos passos para a execução das atividades. O relato abaixo ilustra essa realidade.

*Então, assim que a mensagem chega, eles querem o retorno e a gente fica nesse processo de acompanhamento. E não é só para os alunos e os pais, os professores também. Eles necessitam desse feedback a respeito do que estão fazendo, se estão indo pelo caminho correto. Se aquela proposta de atividade está sendo válida. Os alunos querem o feedback das atividades desenvolvidas (Coordenador JX).*

No âmbito da educação online essa perspectiva de instruir o aluno, promover uma comunicação, apenas, em caráter instrucional precisa ser ampliada. Como afirma Santos (2005, p. 111) as interfaces nos ambientes virtuais de aprendizagem vão favorecer e fomentar práticas interativas e aprendizagens colaborativas. Portanto, as interações não se

## **Educação em Tempos de Pandemia: consequências do enfrentamento e (re)aprendizagem do ato de ensinar**

restringem às orientações a respeito do domínio e execução das atividades, pois “o participante aprende na dialógica com outros sujeitos envolvidos - professores, tutores e principalmente outros cursistas -, através de processos de comunicação síncronas e assíncronas [...].

Na educação online as interfaces comunicacionais vão potencializar o debate, a discussão, criando um ambiente interativo em que todos aprendem com todos, favorecendo a aprendizagem colaborativa (SANTOS, 2005).

Essas discussões nos remetem a uma demanda vivenciada pelos professores, que tem exigido uma (re)aprendizagem e resignificação. Ou seja, estabelecer o equilíbrio entre o pessoal/doméstico e o profissional no processo interativo das ações pedagógicas. A necessidade de adaptação ao ambiente doméstico como espaço escolar, promove reflexos na forma de agir/atuar do docente. Decerto que os vários papéis que o mesmo desempenha e as responsabilidades pelas atividades pedagógicas (rearranjo do espaço físico) e domésticas (sobrecarga de trabalho) têm impactado essa nova imagem da condição docente. Referimo-nos, aqui, ao docente sem a vivência da atuação no ensino à distância, o qual já apresenta uma incorporação dos recursos tecnológicos e formas de comunicação específicas desse segmento.

*Ao ouvir alguns professores nos diálogos que a gente faz através de áudio, pelos grupos do WhatsApp ou através das reuniões, pelo google meet e pelo zoom, os professores relatam como dificuldade, conciliar a questão da sua vida pessoal, das suas incertezas com as funções que eles têm que desenvolver, Porque a função de professora continua no grupo, o professor precisa planejar, ele precisa ter o seu planejamento em dia, saber o que ele vai passar para os meninos. Não é porque é forma remota, que eles vão passar qualquer coisa (Coordenador JX).*

Neste sentido, consideramos fundamental direcionarmos nossos olhares para a organização das atividades pedagógicas, no contexto do planejamento e desenvolvimento da proposição educacional das instituições escolares. E, desta forma, todas essas dimensões, seja a formação, a interatividade, a organização do espaço-tempo do trabalho e as atividades pedagógicas precisam ser contempladas, problematizadas e resignificadas nos projetos pedagógicos das escolas.

No que se refere ao manejo pedagógico, consideramos que a capacidade de reorganizar o espaço de trabalho e as atividades pedagógicas frente a uma demanda desafiadora, como a que atualmente se encontra (pandemia), demonstra a complexidade e

ao mesmo tempo o desprendimento do ser professor. Balinhas et al (2013, p. 260) consideram que:

*Não raras vezes, o processo educativo exige mais que vontade, uma crença quase inabalável na tarefa de educar, no valor de transformar a vida de estudantes em possibilidades de escolher caminhos para modificar suas realidades. Professoras mostram a precariedade de recursos materiais e simbólicos de grande parte das crianças e jovens da escola, esse mergulho cotidiano nessas outras vidas, não permite cruzar os braços, mas arregaçar as mangas e fazer qualquer coisa ou muitas coisas.*

Essa demanda atual sustenta ao mesmo tempo o que Balinhas et al (2013) definem como auto exigência na tarefa de educar. Os professores estão enfrentando um processo constante de ressignificação e problematização das suas práticas de ensino. Mergulhados em demandas que ultrapassam os limites da carga horária trabalhista, do rompimento das fronteiras entre a vida pessoal e profissional e da ausência de experiência com interfaces digitais.

*Outra dificuldade é estruturar e organizar a questão do retorno às atividades. Tem professores que na escola trabalham com catorze turmas, a maioria delas com trinta e sete, trinta e oito alunos. E como a gente tem um percentual grande de alunos no grupo, mais de oitenta por cento, a gente tem sala que trinta e cinco alunos fazem parte do grupo que estão incluídas e estão tendo acesso a essas atividades. Então é uma demanda muito grande para o professor se organizar, para dar um retorno para esse menino. O menino faz atividade, posta e fica perguntando para o professor se está certo, se professor já olhou (Coordenador JX).*

Além dessa problemática, os professores estão (re)aprendendo a mediar o ensino, tendo os pais como coadjuvantes no processo. Entretanto, não tem sido uma tarefa fácil, pois se esbarra no obstáculo da ordem econômica, limitando o acesso dos alunos e seus familiares aos dispositivos e à internet, assim como, nas dificuldades que esses sujeitos apresentam no domínio dos conhecimentos e das metodologias que precisam traçar para promover a aprendizagem dos seus filhos.

*Na verdade, todos nós estamos em processo de aprendizagem. O coordenador pedagógico está aprendendo articular e nortear essas relações entre professores, pais e alunos. Os professores estão aprendendo a ensinar e orientar de forma remota. Os alunos estão aprendendo a estudar em casa, pelo computador ou pelo celular. Os pais estão aprendendo a acompanhar mais de perto os estudos de seus filhos. É um momento muito delicado e o que a gente tem buscado é melhorar. Melhorar esse vínculo com o menino, estabelecer esse contato virtual, mas que é necessário no momento e*

## **Educação em Tempos de Pandemia: consequências do enfrentamento e (re)aprendizagem do ato de ensinar**

*tentando reestruturar as orientações que são passadas, a forma de ensinar, porque o momento pede essa reestruturação. A gente não pode, também, tentar trabalhar com essas ferramentas tecnológicas dessa forma remota, como se a gente estivesse dentro do nosso espaço da sala de aula, porque a gente sabe que mudou tudo. Mudou o cenário social, mudou a forma como as pessoas estão enxergando as coisas, a própria vida (Coordenador JX).*

A fala da coordenação pedagógica reafirma a necessidade e o processo de ressignificação e (re)aprendizagem pelo qual todos os segmentos da comunidade escolar estão passando. A pandemia e suas consequências promoveram uma mobilização dos sujeitos para garantir, mesmo emergencialmente, a continuidade da formação dos alunos.

Mas, precisamos compreender que, mesmo neste esforço coletivo, muito temos que aprender para superarmos as distorções na compreensão a respeito da educação online. Não estamos falando de uma transposição das práticas que aconteciam presencialmente para o ambiente virtual de aprendizagem. É preciso debater, exercer a escuta por meio dessa construção coletiva entre professores, gestão, coordenação, alunos e familiares. E, associado a este processo, firmar compromissos com a coautoria coletiva, apresentando proposições nos projetos pedagógicos que possam atender às demandas de ensino com vistas às expectativas e necessidades de alunos que estão mergulhados no universo das tecnologias digitais (ALVES, 2020).

### **Considerações Finais**

Reiteramos neste texto, a importância de analisarmos as possíveis consequências do enfrentamento do medo e refletirmos sobre a (re)aprendizagem do ato de ensinar, a partir de narrativas de coordenadores pedagógicos. Estes sujeitos, são aqueles que vêm, primeiramente, aprendendo, neste contexto de incertezas, para posteriormente, orientar os docentes para atuarem de modo não presencial.

Entendemos que este momento pandêmico vem provocando impactos nos aspectos subjetivos dos sujeitos e provocando fragilidades de diversos âmbitos da sociedade - psicológicos, sociais, relacionais, políticos - portanto, entender as dificuldades postas pelos coordenadores é condição *sine qua non* para superarmos esse período, sem prazos determinados, de incertezas.

Neste contexto, observamos que a opção pelo ensino remoto no cenário brasileiro, considerada como alternativa mais viável acabou assumindo uma posição paradoxal no

trabalho docente. Nesta situação, configurou-se como uma forma possível para garantir o acesso à educação dos alunos e um caminho para reorganizar o ato de ensino. Mas, também, em torno dessa alternativa/necessidade/mudança vimos manifestações de diversos conflitos e desgastes emocionais, não só para os profissionais da Educação que, nesta proposta de trabalho remoto, precisam dominar uma linguagem tecnológica, possuir uma infraestrutura para materializar suas aulas/trabalho pedagógico, ter sua privacidade invadida; como para o aluno, ao ser desafiado a disciplinar seu processo de estudo e, para a família ao assumir funções formativas que ultrapassam seus domínios.

Desse modo, o ensino remoto marca e demarca lugares, mudanças, situações, (re)aprendizagens (entre outros) que devem ser visibilizadas. Neste estudo, remetemos a importância da vida e do bem-estar em nossas situações laborais, para que possamos, progressivamente, construirmos competências emocionais que colaborem para o desenvolvimento do nosso trabalho pedagógico.

### Referências

ALVES, L. Educação Remota: entre a Ilusão e a Realidade. **Interfaces Científicas - Educação**, Aracaju, v.8, n.3, p. 348-365, 2020.

ARMSTRONG, A. C. A Pandemia COVID-19 na perspectiva da Ecologia Médica: Uma visão de dentro. In: MARQUES, J. A.; DIAS-LIMA, A. (org.) **Ecologia humana & pandemias: consequências da COVID-19 para o nosso futuro**. p. 65-85, 2020.

AVELINO, W. F.; MENDES, J. G. A realidade da educação brasileira a partir da COVID-19. **BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)** ano II, vol. 2, n. 5, Boa Vista, 2020, p. 56-62.

BALINHAS, V. L.G. *et al.* Imagens da docência: um estudo sobre o processo de trabalho e mal-estar docente. **Revista Mal-Estar Subjetividade** [online]. 2013, vol.13, n.1-2, pp. 249-270.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA, 2010.

BRASIL. **Portaria nº 343**, de 17 de março de 2020. Ministério da Educação (MEC). Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus – COVID-19. 2020.

\_\_\_\_\_. **Parecer 05/2020**, de 28 de abril de 2020. Conselho Pleno/ Conselho Nacional de Educação. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. 2020.

## **Educação em Tempos de Pandemia: consequências do enfrentamento e (re)aprendizagem do ato de ensinar**

\_\_\_\_\_. **Medida Provisória 934**, de 01 de abril de 2020. Governo Federal. Altera as normas que regulamentam o ano letivo em escolas e instituições de ensino de todo país. 2020.

KIRCHNER, E. A. Vivenciando os desafios da Educação em tempos de Pandemia. In: PALÚ, J., SCHÜTZ, J. A., MAYER, L. (Orgs.) **Desafios da educação em tempos de pandemia**, Cruz Alta: Ilustração, 2020, p. 45-53.

LINHARES, M. B. M.; ENUMO, S. R. F. Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. **Estudos de Psicologia** (Campinas), 37, e200089. 2020.

MOREIRA, J. A. M.; HENRIQUES, S.; BARROS, D. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. **Dialogia**, São Paulo, n. 34, p. 351-364, jan./abr. 2020.

MORAN, J. M. Contribuições para uma pedagogia da educação online. In: SILVA, M. (org.). **Educação online**. São Paulo: Loyola. 2003, p. 40-50.

OLIVEIRA, S. da S. SILVA, O. S. F.; SILVA, M. J. de O. Educar na incerteza e na urgência: implicações do ensino remoto ao fazer docente e a reinvenção da sala de aula. **Interfaces Científicas - Educação**, 10(1), 25-40. 2020.

ORGANIZAÇÃO Pan-Americana da Saúde (OPAS). **Histórico**. Disponível em: [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875). Acesso em: 03 jun. 2020. 2020.

PLACCO, V. M. N. S.; SOUZA, V. L. T. Desafios ao coordenador pedagógico no trabalho coletivo da escola: intervenção ou prevenção? PLACCO, V. M. N. S.; ALMEIDA, L. R. (Orgs.). **O coordenador pedagógico e os desafios da educação**. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

PRETTO, N. de L.; BONILLA, M. H. S.; SENA, I. P. F. de S. **Educação em tempos de pandemia: reflexões sobre as implicações do isolamento físico imposto pela COVID-19**. Salvador: Edição do Autor, 2020.

SCHMIDT, B., CREPALDI, M. A., BOLZE, S. D. A., NEIVA-SILVA, L.; DEMENECH, L. M. Impactos na Saúde Mental e Intervenções Psicológicas Diante da Pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19)., **Estudos de Psicologia** (Campinas), 37, e200063. 2020.

SANTOS, B. S. **A cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra, PT: Edições Almedina, 2020.

SANTOS, E. **Educação online: cibercultura e pesquisa formação na prática docente**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

SENHORAS, E. M. Coronavírus e educação: análise dos impactos assimétricos. **BOLETIM DE CONJUNTURA** (BOCA) ano II, vol. 2, n. 5, Boa Vista, 2020, p. 128-136.

WEIDE, J. N., VICENTINI, E. C. C., ARAÚJO, M. F., MACHADO, W. L.; ENUMO, S. R. F. **Cartilha para enfrentamento do estresse em tempos de pandemia**. Porto Alegre: PUCRS/ Campinas: PUC-Campinas. Trabalho gráfico: Gustavo Farinero Costa. 2020.

## Notas

---

<sup>1</sup> Medida Provisória 934/2020 do Governo Federal.

<sup>2</sup> Portaria nº 343/2020 do Ministério da Educação (MEC).

<sup>3</sup> Parecer 05/2020 do Conselho Nacional de Educação.

## Sobre as autoras

### **Rita de Cássia Souza Nascimento Ferraz**

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-Itapetinga (UESB). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia; Grupo de Pesquisa em Estudos Pedagógicos/UESB.

E-mail: [ritasouza@uesb.edu.br](mailto:ritasouza@uesb.edu.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1383-8641>.

### **Lúcia Gracia Ferreira**

Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Pós-doutorado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-Itapetinga (UESB). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia; Grupo de Pesquisa e Estudos Pedagógicos/UESB e Docência, Currículo e Formação/UFRB.

E-mail: [lucia.trindade@uesb.edu.br](mailto:lucia.trindade@uesb.edu.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3655-9124>.

### **Roselane Duarte Ferraz**

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Recife (UFPE). Professora Adjunta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia; Grupo de Pesquisa e Estudos Pedagógicos/UESB. E-mail: [rduarte@uesb.edu.br](mailto:rduarte@uesb.edu.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1731-0120>.

Recebido em: 20/10/ 2020.

Aceito para publicação em: 15/12/2020.